

EDITORIAL: POÉTICAS CUIR

EDITORIAL: POÉTICAS CUIR

EDITORIAL: CUIR POETICS



José Anderson SANTOS CRUZ¹
e-mail: anderson.cruz@unesp.br



Flávio Henrique Machado MOREIRA²
e-mail: flavio.machadomoreira@gmail.com



Alexander Vinicius LEITE DA SILVA³
e-mail: alexandervinicius.s@gmail.com

Como referenciar este artigo:

SANTOS CRUZ, J. A.; MOREIRA, F. H. M.; LEITE DA SILVA, A. V. Editorial: Poéticas Cuir. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023016, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18314>



| Submetido em: 10/05/2023

| Publicado em: 01/08/2023

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (PECEGE) (ESALQ/USP MBAs), Piracicaba – SP – Brasil. Professor Assistente. Doutorado em Educação Escolar (UNESP). Editor Adjunto Executivo (RPGE).

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos – SP – Brasil. Mestrado em Ciência Política.

³ Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO), Bauru – SP – Brasil. Graduando em Letras – Tradutor.

Em sua trajetória a Revista DOXA, sempre reafirmando seu compromisso com a ciência e com a qualidade do conteúdo a ser publicado, alcançou novos patamares, novas indexações e, com isso, maior visibilidade para suas publicações e para os autores que colaboram com a revista. Ao adotar a publicação contínua, a revista não apenas agiliza o processo de divulgação de artigos, mas também oferece um espaço para a discussão dinâmica e interconectada de temas atuais e altamente relevantes. Além disso, a publicação bilíngue permite superar barreiras linguísticas e se adequar às demandas ágeis da sociedade digital. Esse cenário proporciona um campo fértil para o compartilhamento de ideias e debates sobre questões relacionadas à educação e à psicologia.

Nesta edição especial da Revista DOXA trazemos o Dossiê: *Poéticas Cuir* que aborda uma temática crucial para a educação e a psicologia e promove um debate que tem ocorrido ao longo de várias décadas, tornando-se ainda mais relevante no mundo atual. Especialmente em um momento em que as vidas e experiências de pessoas que não se conformam com a cisheteronormatividade compulsória são constantemente desafiadas e ameaçadas em várias partes do mundo.

Em nossa sociedade como um todo, existe uma demanda por um conformismo com regras impostas sob a justificativa de “valores” morais. No entanto, essas imposições acabam por criar uma violência homogeneizadora, que remonta, ainda que de maneira velada, ao movimento higienista do passado. Essa pressão exige que todos se adéquem a padrões preestabelecidos e desqualifica tudo aquilo que é considerado diferente. Ao mesmo tempo, há uma tendência à individualização, separando populações inteiras de suas condições sócio-históricas nas quais foram compelidas a se desenvolver e viver (COLOMBANI; MARTINS, 2017).

Assim, simultaneamente à demanda por uma docilização quase foucaultiana de todos os corpos, também se negam as condições subjetivas nas quais esses corpos foram constituídos. Tal negação dilui identidades e agrupamentos que não se “encaixam” no que é chamado de “normal”, invalidando suas expressões e individualidades. Aqueles que não se conformam com essas normas são deixados sem alternativas, e sua existência é rotulada como desviante, sendo invisibilizados e sufocados por um processo tão ou mais violento nos dias atuais do que foi no passado. Esse processo mobiliza mecanismos para controlar não apenas o corpo biológico, mas também os comportamentos, a linguagem, a vestimenta, tudo filtrado, uniformizado e universalizado através de um prisma heteronormativo (BLANCK, 2022).

Uma das experiências mais permeadas pela violência no Brasil é aquela que sofre com a medicalização dos corpos e o binarismo entre gênero e sexo, imposta como uma pretensa verdade científica que adquiriu caráter dogmático em uma realidade que distorce estudos e ciência para seus próprios interesses e manutenção de um conforto estabelecido (*status quo*), mesmo que esse conforto possa ser desconfortante. Agressividade e repulsa são dirigidas às pessoas que não se conformam e tentam viver suas identidades sem se submeter a tal dogmatismo dualista, sendo silenciadas até mesmo pela linguagem que permeia nossa realidade, tornando-se um campo de opressão nessa “guerra” que a sociedade trava.

Esse caráter violento, tanto no Brasil como em diversas partes do planeta, é revitalizado e renovado com facetas ainda mais cruéis e excludentes. Não mais ameaçando veladamente a existência dessas pessoas, essas atitudes são anunciadas com fervor, negando a própria existência da diferença, como pode ser observado no caso de leis recentes aprovadas nos Estados Unidos (Revista Veja, 2023, online). Esse fenômeno não se limita ao exterior, pois o Brasil também enfrenta um aumento dessa violência explícita nos últimos quatro anos, e é incerto o tamanho da escalada que esses discursos veiculados por meio de palanques podem alcançar em relação a esse fascismo genético.

Diante de tudo isso, torna-se ainda mais importante reafirmar a existência, a vida, a voz, a arte e a poesia dessas pessoas, concedendo espaço também às manifestações que defendem os direitos de todes, buscando negar a “ética colonial” que tanto as oprime. Nesse contexto, é fundamental compreender que não existe:

uma relação necessária entre gênero e órgão. Ou seja, falo e mama, não formam a base para a diferença sexual e a identidade não necessariamente anda junta com as partes corporais [...] o corpo não forma a base sólida para a identidade que levantou várias questões sobre relações entre identidade de gênero e identidade subjetiva, estas são as questões que nortearam a terceira vertente que teve inspirações das revisões pós-estruturalistas do sujeito e pela teoria psicanalítica (MONTEIRO, 2018, p. 18).

Visando fomentar esse debate e destacar as vivências e resistências contra os dogmas cisheteronormativos, apresentamos a arte, a poesia e o debate científico das vozes daqueles que buscam compreender e fazer compreender que o direito à existência é universal. Buscamos atravessar padrões linguísticos, imagéticos, brancos, coloniais, cisheteronormativos e sociais, representando uma vivência e experiência multifacetada, plural e fluída que transcende binarismos. Exemplo disso é a representação que abraça e ilustra esta edição, uma arte criada por Saul Fonseca, um artista trans-homem de 31 anos, praticante do *candomblé* e filho de *Ogum*.



Assim como a arte nos leva a refletir sobre a existência, a resistência, a reinvenção e o direito de existir autenticamente, convidamos a todes para a leitura deste Dossiê, que apresenta estudos abordando uma ampla gama de temas relacionados à educação e à existência, retratando vivências e superações de violências. Para iniciar essa reflexão, em conexão com a imagem, compartilhamos as palavras do artista Saul Fonseca em seu poema “Cura e TRANSformação”:

Tudo desabou inúmeras vezes;
Infinitas e incansáveis;
Desmoronei quando me queria,
mas não me encontrava.
Pude me ver,
mas não me enxergava;
Refazer quem eu fui para me encontrar;
Esse foi o caminho para eu respirar.
Reconstruir.

Plantei e esperei o momento certo;
Mostrei-me ao mundo.
Pus para fora toda beleza que há em mim.
Quem sou.

Saul Fonseca

REFERÊNCIAS

BLANCK, M. **Teoria Queer e Educação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional de Blumenau, Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Blumenau, 2022.

COLOMBANI, F.; MARTINS, R. A. O movimento higienista como política pública: aspectos históricos e atuais da medicalização escolar no Brasil. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. 1, p. 278-295, 2017. DOI: 10.22633/rpge.v21.n1.2017.9788. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9788>. Acesso em: 31 jul. 2023.

MONTEIRO, A. A. **Homens que engravidam**: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

REVISTA VEJA. **Governador da Flórida expande lei anti-LGBT para todas as séries escolares**. 19 abr. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/governador-da-florida-expande-lei-anti-lgbt-para-todas-as-series-escolares>. Acesso em: 31 jul. 2023.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

